

# REVISTA BATISTA PIONEIRA

BÍBLIA ▪ TEOLOGIA ▪ PRÁTICA

ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X

Vol. 8 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2019

## CRIANDO UMA CULTURA DE REVITALIZAÇÃO: UMA PROPOSTA PARA A IGREJA BASEADA NOS ESTUDOS DE ANTHONY F. C. WALLACE

Creating a culture of revitalization: a proposal for the church based on the studies of Anthony F. C. Wallace

*Me. Clayton Lima de Souza<sup>1</sup>*

### RESUMO

Através de pesquisa bibliográfica, o presente artigo tem em primeiro lugar o objetivo verificar a necessidade real de que as igrejas e denominações se debruçam sobre o tema da revitalização de igrejas, e apresentar as características de uma igreja que carece de revitalização, com o objetivo de dissolver estereótipos e disponibilizar elementos para um diagnóstico correto. Propõe também conhecer o fenômeno sociológico e antropológico através dos estudos de Anthony F. C. Wallace sobre os “movimentos de revitalização”, e principalmente, oferecer uma proposta de estratégia para a implantação de uma cultura de revitalização a ser aplicada não somente em comunidades consideradas decadentes, mas em todas as igrejas, e que possa ser adaptável a

<sup>1</sup> Mestre em Teologia (FABAPAR), Bacharel em Teologia (FACULDADE FIDELIS), assessor da coordenação do curso de Teologia (FACULDADE FIDELIS). E-mail para contato: claytondesouza@outlook.com

qualquer contexto histórico cultural.

**Palavras-chave:** Crescimento. Movimento. Revitalização. Antropologia. Igreja.

## ABSTRACT

Through a bibliographical research, this present article has in the first place the objective to verify the real need for churches and denominations to attend to the theme of church revitalization, and to present the characteristics of a church that needs to be revitalized, with the objective of dissolve stereotypes and provide elements for a correct diagnosis. It also proposes to know the sociological and anthropological phenomenon through the studies of Anthony FC Wallace on the “revitalization movements”, and especially, to offer a strategy proposal for the implantation of a culture of revitalization to be applied not only in communities considered decadent, but in all churches, and that can be adaptable to any historical cultural context.

**Keywords:** Growth. Movement. Revitalization. Anthropology. Church.

## INTRODUÇÃO

O desafio do crescimento da igreja vem despertando líderes, pastores e pesquisadores para as estratégias de multiplicação e para a necessidade de implantação de novas igrejas. Nos últimos tempos, vasta literatura tem sido escrita sobre o tema. Vem a reboque desta matéria, outra necessidade que não recebe tanta atenção da liderança e da academia, mas modestamente vem buscado seu espaço haja vista que a demanda é real: a revitalização da igreja.

O risco para a comunidade cristã em ignorar o assunto, além de prejuízos para o crescimento do Reino, é a má aplicação de recursos em igrejas decadentes que conseqüentemente parecem não poder reagir. Esse investimento nem sempre é financeiro, mas é principalmente de dons e talentos. Quantos bons pastores, que poderiam ter sido bem-sucedidos em outras situações, são desgastados e até mesmo chegam a desistir do ministério pela falta de compreensão e diagnóstico da necessidade de revitalização da igreja local mesmo quando essa consciência existe, falta treinamento para enfrentar a situação e uma estratégia clara para realizar a tarefa.

Quando se discute estratégia, não se trata de um modelo pronto, tais como os famigerados 7 passos, 9 maneiras ou 12 leis, geralmente importados de

outra cultura sem a adequada contextualização ou compreensão da nossa realidade. É preciso antes conhecer o fenômeno e, em linhas gerais, entender como se desenvolve, para enfim propor condutas que devem ser adaptáveis à realidade local.

Outro problema latente, a exemplo das questões de implantação e crescimento da igreja, é a preocupação com os resultados mensuráveis. Não que os números sejam irrelevantes, mas como defende Lidório:

Devemos fugir da tentação do pragmatismo, visto que o ministério cristão não deve ser definido por resultados humanos, mas pela obediência ao chamado e à vontade de Deus. Também não devemos agir como se a falta de crescimento de uma igreja fosse sinal de infidelidade bíblica.<sup>2</sup>

Da mesma forma que não se pode dizer que alguém que mede 1,90 metros está mais viva do que aquele que mede 1,60, não é necessariamente o tamanho da igreja que define se ela precisa ser revitalizada ou não, mas o quanto ela tem sido fiel em cumprir seu papel no projeto de Deus. O problema da pouca literatura sobre o assunto é, como explica Valdecir Santos, que boa parte dela além de propor abordagens pragmáticas está mais preocupada com a quantidade de pessoas que frequentam os cultos e prometem, através de seus modelos revolucionários, os mesmos resultados de igrejas crescentes.<sup>3</sup>

A proposta do presente texto é, a partir das constatações do antropólogo Anthony F. C. Wallace, compreender o processo de revitalização e a partir disto propor, não um modelo ou fórmula, mas um comportamento que seja bíblico e adaptável à realidade de cada igreja local.

## 1. QUANDO UMA IGREJA PRECISA SER REVITALIZADA

Não se trata de uma organização ou empresa que “não dá mais lucro”, e que por isso deve ter suas atividades encerradas (apesar de que, em determinadas situações, é melhor deixar morrer para que nasça outra em seu lugar), mas de um organismo vivo, que um dia exibiu vitalidade e virtude, mas que por algum

<sup>2</sup> LIDÓRIO, Ronaldo. **Revitalização de Igrejas**: avaliando a vitalidade de igrejas locais. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 14.

<sup>3</sup> SANTOS, Valdeci. Revitalização de Igrejas: uma reflexão teologicamente orientada. **Fides Reformata**. São Paulo, vol.15, n.1, p. 9-30, 2011. Disponível em: [https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/05/Fides\\_v16\\_n1Revitaliza%C3%A7%C3%A3o-de-Igrejas-Uma-Reflex%C3%A3o-Teologicamente-Orientada.pdf](https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/05/Fides_v16_n1Revitaliza%C3%A7%C3%A3o-de-Igrejas-Uma-Reflex%C3%A3o-Teologicamente-Orientada.pdf). Acesso em 25 mai. 2019.

motivo perdeu sua flama. Nas palavras de Santos:

Revitalização é uma palavra que abriga em si a esperança da renovação do vigor, da restauração da saúde e crescimento já experimentados, do redirecionamento do propósito original e bíblico da igreja, bem como da reafirmação das doutrinas e valores bíblicos. O resultado de um processo assim é, certamente, um novo refrigério do Espírito sobre a vida da igreja.<sup>4</sup>

Por sua vez, é importante não se prender aos estereótipos quando o assunto é uma igreja que precisa de revitalização. Se os números não vão bem (sejam financeiros ou da frequência regular), é fácil constatar a necessidade de revitalização. Porém, outras igrejas aparentemente prósperas, mas que passam por uma estagnação espiritual não despertam essa preocupação, e como explica Reis, precisam de revitalização urgente.<sup>5</sup> Com a ajuda de Reeder III, pode-se listar brevemente os motivos pelos quais uma igreja precisa ser revigorada<sup>6</sup>:

1) Uma igreja que está focada em programas precisa ser revitalizada, e esta é a prova de que nem sempre os números traduzem a realidade. Normalmente, são grandes comunidades com reuniões bem frequentadas, mas tal “sucesso” vem do fato de que empregam todos os seus recursos para ter um culto atrativo. Assim, acabam se tornando dependentes de uma nova “atração” todos os domingos, deixando de lado o discipulado e as missões;

2) Uma igreja que está presa ao tradicionalismo e à nostalgia, e não consegue mais discernir que “[...] há uma grande diferença entre lembrar o passado e viver nele”<sup>7</sup> precisa de revitalização. Seus membros estão o tempo todo se lembrando “daquela época” ou “daquele pastor”, reverenciando os tempos áureos da igreja e os modelos adotados na ocasião. Não compreendem que a igreja é de Cristo, mas também é a igreja de seu tempo e que precisa ao mesmo tempo preservar a doutrina e contextualizar;

3) Uma igreja que baseia todos os seus programas e estratégias em um pastor carismático e centralizador, precisa de revitalização (1Co 12.4-6).

<sup>4</sup>SANTOS, 2011, p. 12.

<sup>5</sup>REIS, Gildásio Jesus Barbosa dos. Revitalização de igrejas: pressupostos teológicos básicos. **Fides Reformata**. São Paulo, vol.17, n.2, p.93-112, 2012. Disponível em:<https://docplayer.com.br/70308772-Gildasio-jesus-barbosa-dos-reis-fidesreformata-xvii-no-2-2012.html>. Acesso em 25 mai. 2019.

<sup>6</sup>REEDER, H. L. **Revitalização da sua igreja segundo Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

<sup>7</sup>REEDER, 2011, p. 13-14.

É fato que muitas igrejas morrem junto com o seu pastor, pelo fato de sua liderança ter sido centralizadora e focada em sua personalidade, ao invés de ser multiplicadora e participativa. Mas este não é um ônus que deva ser colocado na conta apenas do obreiro, pois é confortável para muitas igrejas apenas assistir ao seu pastor em vez de contribuir com seus dons e talentos;

4) Uma igreja que empreende todos os seus esforços para a manutenção de um ideal de igreja precisa de revitalização. Eles vivem como diz Reeder III, “polindo um monumento”. Nestas igrejas, o modelo de gestão adotado ou a filosofia de ministério ou as práticas institucionalizadas são mais importantes do que as pessoas e precisam ser preservadas a qualquer custo;

5) Uma igreja que por causa das tentativas frustradas em ocasiões anteriores fez com que a sua visão se tornasse pessimista diante das oportunidades de se revitalizar. Como explica Reeder III, “A igreja se torna como um time de futebol que perdeu todos os jogos nos últimos dez anos e já tem uma lista de desculpas para as derrotas que já está prevendo na próxima temporada”.<sup>8</sup> Igrejas que experimentaram sucessivas situações decepcionantes, falhas ou fracassos, seja com projetos ou com pessoas, tendem a se proteger como alguns tipos de répteis que ficam imóveis diante de alguma ameaça;

6) Uma igreja que adquire uma má reputação na comunidade precisa ser revitalizada. Elas perderam o poder de exalar “o bom perfume de Cristo” (2Co 2.15) para impregnar o ambiente com o fedor do mau testemunho. Isso acontece não somente na ocorrência de escândalos que se tornam públicos, mas o fato de a igreja não ser relevante para a comunidade em que está inserida também provoca este estado;

7) Uma igreja que se desviou do evangelho precisa de revitalização e isso acontece quando outras coisas tiram Cristo do centro e o estudar e o compartilhar as Escrituras perde a importância na comunidade. Esta é uma outra situação em que os números não revelam a necessidade de revitalização e o pior, em muitos casos são igrejas que conseguem atrair grande número de pessoas graças a modismos baseados em doutrinas heréticas;

8) Um último motivo foi acrescentado à lista de Reeder III aqui, e é retirado do texto de Casimiro e Lopez: constata-se de que é necessária uma revitalização na igreja, quando ela vive apenas para si mesmo, para o seu

---

<sup>8</sup> REEDER, 2011, p. 17.

deleite e conforto. Ela se esquece de que “[...] não vive para si mesma. Não abastece a si mesma para gastar toda a sua energia consigo”.<sup>9</sup> É quando a igreja se transforma em um clube, trabalhando apenas para atender os desejos de seus associados esquecendo-se de voltar seus olhares para quem está fora dela. Nas palavras de Reis, “[...] essa revitalização se faz necessária sempre que há um espírito de comodismo e a igreja enfrenta uma realidade de estagnação e apatia.”<sup>10</sup>

Percebe-se, portanto, que a necessidade de revitalização tem potencial para alcançar boa parte das igrejas e por este motivo não pode ser tratada como uma exceção. Revitalizar, dessa forma, não deveria ser um programa do tipo “apagar incêndios”, mas uma prática do cotidiano do pastor e das lideranças das igrejas como veremos adiante. Antes, porém, é preciso conhecer como se dá o processo de revitalização. Wallace pode nos ajudar a compreender esse fenômeno.

## 2. O “MOVIMENTO DE REVITALIZAÇÃO” SEGUNDO ANTHONY WALLACE

Tomamos emprestadas as conclusões sobre o assunto realizado por Anthony Francis Clarke Wallace, Ph.D. (1923-2015), nascido em Toronto no Canadá, mas que desenvolveu e exerceu sua carreira acadêmica nos Estados Unidos, em especial, na Universidade da Pensilvânia.<sup>11</sup> É preciso, porém, reconhecer o “campo minado” em que se caminha quando se busca respostas a questões que se relacionam com a Igreja em fontes que estejam fora das Escrituras. Reis nos adverte sobre esta questão quando afirma que “[...] se desejamos realmente revitalizar a igreja, precisamos pregar a sã doutrina. [...] Precisamos, não apenas de reavivamento, mas também de reforma. Precisamos recuperar a verdade bíblica e colocá-la no seu devido lugar”.<sup>12</sup> Santos também observa os riscos de se buscar tratativas “mais sociológicas

<sup>9</sup> CASIMIRO, A. D.; LOPES, H. D. **Revitalizando a Igreja**: na busca por uma igreja viva e operosa. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 14.

<sup>10</sup> REIS, 2012, p. 95.

<sup>11</sup> A. F. C. Wallace foi psicólogo, antropólogo e historiador, e seus estudos influenciaram diversas áreas do conhecimento (Encyclopædia Britannica, 2019). Um de seus artigos mais contundentes é intitulado “Movimentos de Revitalização”, publicado na revista “American Anthropologist” em abril de 1956, onde apresenta as conclusões de seu estudo comparativo realizado desde 1951 sobre o processo de revitalização em movimentos religiosos ocidentais e orientais nos cinco continentes. Seus principais objetivos foram: 1) elaborar uma introdução sobre o conceito de revitalização e 2) identificar um padrão de processo em tais movimentos.

<sup>12</sup> REIS, 2012, p. 97.

do que teológicas [e que é preciso que essa abordagem] seja teologicamente orientada sobre o processo de revitalização de igrejas”.<sup>13</sup> Porém, a ideia do presente artigo, como já foi dito, não é buscar um modelo, mas compreender o fenômeno, que é antes de tudo antropológico e sociológico para então, em sua conclusão, propor um comportamento.

Como um “fenômeno de mudança cultural” que ocorre diante da insatisfação e da busca por novos sistemas e novos relacionamentos com novas características, a Revitalização é descrita por Wallace como um movimento que “[...] é definido como um esforço deliberado, organizado e consciente dos membros de uma sociedade para construir uma cultura mais satisfatória”.<sup>14</sup> Outros processos de “mudança cultural” podem existir, tais como a evolução, o acaso, a mudança histórica ou a aculturação, no entanto tais processos não são iniciativas deliberadas, mas um “efeito gradual de reação em cadeia”<sup>15</sup> que pode levar de gerações a milênios. A revitalização, por sua vez, se caracteriza por um movimento realizado por uma geração que é consciente de seu sistema cultural e que, insatisfeito, procura alterá-lo o mais rápido possível.

Quando se usa o termo “revitalização”, na verdade considera-se que uma comunidade (em nosso caso, a igreja) funcione como um organismo em que cada uma de suas partes precisa funcionar adequadamente. Nesse organismo, a cultura que precisa ser alterada são os “padrões de comportamento aprendido” que em algum momento não promove mais a harmonia orgânica, mas, pelo contrário, gera estresse. Pode-se, então, entender, que o movimento de revitalização é promovido pelo indivíduo ou comunidade que, consciente de que seu modelo de sistema atual não é eficiente em reduzir tal estresse, busca uma alternativa satisfatória. O processo de revitalização (desde aquilo que provoca a necessidade de revitalizar até o desenrolar do processo em si) possui, segundo Wallace, uma estrutura bem definida:

1) Um estado de estabilidade em que a cultura promove harmonia orgânica. Isso não significa ausência de estresse, mas que o modelo do sistema é eficiente em gerenciar esse estresse e mantê-lo dentro de padrões toleráveis. Quando há necessidade de mecanismos mais eficientes, alguns itens desse modelo

<sup>13</sup> SANTOS, 2011, p. 11.

<sup>14</sup> WALLACE, 1956, p. 265 (tradução nossa): “[...] a deliberate, organized, conscious effort by members of a society to construct a more satisfying culture”.

<sup>15</sup> WALLACE, 1956, p. 265 (tradução nossa): “[...]a gradual chain-reaction effect...”

podem ser alterados sem que haja desestabilização, desde que esse novo item não interfira no funcionamento de outros componentes do modelo e que satisfaça a todos os aspectos cobertos pelo antigo componente. Por exemplo, quando uma igreja escolhe encerrar as atividades da Escola Bíblica para promover educação cristã através das células, ela precisa se perguntar se esse novo item não interfere em algum outro (como no modelo administrativo, na formação de líderes, na programação, etc.) e se a célula vai no mínimo satisfazer todas as necessidades que a Escola Bíblica supria;

2) Num dado momento, o nível de estresse aumenta em alguns membros do grupo e se espalha pelos demais. Isso acontece porque alguns itens do sistema cultural da comunidade perdem sua eficiência por não mais atender aos anseios e necessidades de seu tempo. Tal situação leva esses indivíduos a considerar uma nova alternativa, e isso gera ainda mais estresse, pois pode significar a desintegração de todo o modelo de sistema, já que a partir deste ponto todos os demais itens são questionados;

3) Conforme o estresse aumenta o caos se instala no sistema cultural da comunidade. Devido às diferentes maneiras como os indivíduos reagem a esse estresse, padrões de comportamento são substituídos sem que haja harmonia orgânica até que por fim, todo o sistema cai em descrédito gerando ansiedade, desilusão e apatia;

4) Se não houver uma reação reformadora por parte da comunidade, ela inevitavelmente irá morrer. Por esse motivo, assim como um organismo vivo, o grupo, a partir de alguns indivíduos que o deflagram, promovem um processo de revitalização que se caracteriza pelas seguintes ações:

- a. A reformulação ideológica do sistema cultural, que pode ser um retorno ao passado, uma importação do sistema de outra comunidade ou até mesmo, a criação de um modelo totalmente novo. Normalmente, o embrião desse outro sistema surge num insight de maneira “abrupta e dramática” na mente de um indivíduo que será o seu propagador dentro do grupo;
- b. A propagação desse outro sistema cultural por tal indivíduo tem como objetivo agrupar discípulos que se encarregarão de multiplicar essa nova “visão”. Essa propagação não se limita a um estágio inicial, mas é imprescindível que ocorra durante todas as demais fases do processo;
- c. O movimento se organiza, e isso consiste em que o “indivíduo zero” e

seus discípulos angariem seguidores dispostos a colocar em prática as suas ideias. Para que isso tenha sucesso, o movimento tem que deixar de ser “a propriedade” de um só indivíduo para ser o movimento de todos os seus adeptos. Se o processo depender de uma única pessoa carismática e poderosa, ele pode morrer pelos mesmos motivos que o fizeram nascer;

- d. O movimento inevitavelmente irá enfrentar resistência em níveis maiores ou menores. Por esse motivo ele deverá promover adaptações na proposta como resposta às críticas e dificuldades na sua implementação. Essa atitude tem o objetivo de “[...] deixar a nova doutrina aceitável para os grupos de interesses especiais, pode lhe dar um melhor ‘ajuste’ aos padrões de personalidade e de cultura da população, e pode levar em conta as mudanças ocorrendo no contexto geral”;<sup>16</sup>
- e. Conforme o novo modelo cultural é aceito e praticado levando à redução do estresse e à satisfação das necessidades e anseios, as mudanças vão se tornando mais extensas e a adesão cada vez mais entusiástica;
- f. Quando tais mudanças se estabelecem e são introduzidas na rotina do grupo, o movimento deixa de ser reformador para se tornar mantenedor, preocupando-se agora com a “preservação da doutrina” e pelo “desempenho do ritual”;

5) Finalmente, a comunidade entra em um novo período de estabilidade até que, pelos mesmos motivos, ela volte a entrar noutro processo de revitalização.

Apesar de o estudo de Wallace não ter sido elaborado exclusivamente para tratar do tema da revitalização da igreja, suas pesquisas se deram dentro do espectro do fenômeno religioso e consideraram amiúde questões antropológicas, sociológicas, psicológicas e as dinâmicas institucionais, comunitárias e políticas. Tais aplicações (somadas, é claro, às especificidades teológicas e espirituais), são ferramentais dentro do tema deste artigo.

<sup>16</sup> WALLACE, 1956, p. 257 (tradução nossa): [...] makes the new doctrine more acceptable to special interest groups, may give it a better “fit” to the population’s cultural and personality patterns, and may take account of the changes occurring in the general milieu”.

### 3. UMA PROPOSTA DE “CULTURA DE REVITALIZAÇÃO” PARA A IGREJA

O que fica patente nos estudos realizados por Wallace, é o fato de que em qualquer organização chega o momento em que ela se revitaliza ou morre. No caso da igreja, esta “morte” pode significar o encerramento de suas atividades, mas também pode ser a “morte espiritual” de uma grande e numerosa comunidade que, ao se distanciar daquilo que Jesus planejou, abandona o seu posto no projeto de Deus para a humanidade.

Se o movimento de revitalização é inevitável, a pergunta a ser feita é: qual a postura do pastor e da liderança diante deste fato? Se for uma atitude passiva, ele só se dará conta do processo quando ele estiver organizado, ou seja, na terceira fase do movimento, quando o idealizador já difundiu suas ideias nos “bastidores” e angariou seguidores. Neste ponto, mesmo que o pastor consiga tomar as rédeas da situação (se valendo da autoridade conquistada ou da imposição do poder), a condição da igreja não será mais a mesma a anterior ao início do movimento, e o apaziguamento não se dará sem traumas e prejuízos à comunidade. O que se propõe, então, é um movimento contínuo, regular e sistemático de revitalização, que seja organizado e colocado em marcha pelo próprio pastor e sua liderança. Isso exige, no entanto, a disposição de sair da “zona de conforto” que a aparente normalidade oferece. Os passos práticos para este comportamento de revitalização podem ser descritos da seguinte maneira:

1) Formação de uma equipe de avaliação permanente – este é um grupo capaz de realizar diagnósticos e propor soluções. Sua tarefa é: a) desenvolver ferramentas de avaliação e criar canais de comunicação com a igreja, para identificar áreas e comportamentos que tem gerado estresse nos relacionamentos e/ou estão inviabilizando processos e/ou impedindo que a igreja cumpra com sua missão. Caso a conclusão seja de que alterar processos pontuais não seja o suficiente, deve se considerar o início de um processo de revitalização mais extenso;

2) Desenvolvimento de uma proposta de revitalização – de posse dos dados e das avaliações, o pastor, juntamente ou não com esta comissão, elabora um esboço do que seria essa revitalização. É importante na idealização deste projeto, descrever com clareza a situação atual e o resultado final desejado, além de oferecer uma proposta de ação bem estruturada e clara;

3) Difusão da ideia – nesta fase, a ideia é “vender o peixe” e, para isso,

não convém uma campanha de marketing de massa. É preciso identificar os “influenciadores” da igreja e torná-los os difusores da proposta. Para isso, o pastor deve perder a “autoria intelectual” do projeto para a própria igreja fazendo com que seus membros, principalmente estes “influenciadores” se vejam como coautores. É preciso, portanto, disposição para ouvir e acatar algumas sugestões que modificarão o projeto inicial. O importante nesta fase é ter a consciência de que não basta ter apoio da igreja para o projeto, mas que seus membros estejam dispostos a colocar seus dons e talentos a disposição na realização do plano.

4) Colocando o projeto em prática – o movimento de revitalização fomentado e promovido pelo próprio pastor e com a contribuição de toda a igreja, deve estar aberto para novas alterações, pois muitos “pontos cegos” na elaboração são percebidos apenas na execução. Não se deve transformar a ideia em um objeto de culto. O que não funciona, deve ser mudado.

5) Manter o movimento em funcionamento – ao chegar aos resultados esperados, a igreja experimenta uma nova fase próspera, mas também é tentada a apresentar um comportamento de manutenção. Os mesmos que lutaram para colocar em prática as mudanças serão os que a defenderão a qualquer custo. Afinal, a “ideia deles” funcionou muito bem. Por esse motivo, o trabalho da equipe de avaliação não deve ser esporádico, mas permanente, e o pastor deve nutrir um comportamento de insatisfação (não confundir com ingratidão) e estar disposto a reiniciar o ciclo de revitalização sempre que for necessário.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Crescimento da igreja implica em dar início a novas comunidades cristãs em lugares em que ela está ausente ou pouco relevante. Pressupõe também a multiplicação do número de discípulos através de ferramentas que sejam ao mesmo tempo estratégicas e bíblicas. Porém, não se pode prescindir de tratar da revitalização das igrejas existentes. Mesmo que, como já foi dito, em alguns casos crônicos é melhor deixar que a igreja “morra” para abrir a oportunidade para um novo trabalho de evangelização e implantação, temos que considerar que a primeira opção deva ser trabalhar para o retorno da vitalidade à igreja. Este trabalho de revitalização, porém, não deve ser feito baseando-se apenas na boa vontade, mas precisa ser um esforço coordenado e alicerçado na

compreensão clara do fenômeno e realizado a partir de uma estratégia bem desenhada (Lc 14.28-31).

É importante concluir também, chamando a atenção de que as mudanças implementadas podem até ser inspiradas em métodos utilizados em outras igrejas, mas nunca devem ser apenas “copiadas e coladas”, pois contexto histórico e cultural de cada igreja deve ser respeitado. Por esse motivo, o presente artigo não oferece uma receita, mas sugere um comportamento reformador e um plano de ação adaptável a qualquer projeto.

## REFERÊNCIAS

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. Anthony F. C. Wallace. **Encyclopædia Britannica**, Encyclopædia Britannica, Inc., 11 Abril 2019, [www.britannica.com/biography/Anthony-F-C-Wallace](http://www.britannica.com/biography/Anthony-F-C-Wallace). Acesso em 25 mai. 2019.

CASIMIRO, A. D.; LOPES, H. D. **Revitalizando a Igreja: na busca por uma igreja viva e operosa**. São Paulo: Hagnos, 2012. 141p.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Revitalização de Igrejas: avaliando a vitalidade de igrejas locais**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

REEDER, H. L. **Revitalização da sua igreja segundo Deus**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. 144p.

REIS, Gildásio Jesus Barbosa dos. Revitalização de igrejas: pressupostos teológicos básicos. **Fides Reformata**. São Paulo, vol.17, n.2, p.93-112, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/70308772-Gildasio-jesus-barbosa-dos-reis-fidesreforma-ta-xvii-no-2-2012.html>. Acesso em 25 mai. 2019.

SANTOS, Valdeci. Revitalização de Igrejas: uma reflexão teologicamente orientada. **Fides Reformata**. São Paulo, vol.15, n.1, p.9-30, 2011. Disponível em: [https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/05/Fides\\_v16\\_n1Revitaliza%C3%A7%C3%A3o-de-Igrejas-Uma-Reflex%C3%A3o-Teologicamente-Orientada.pdf](https://cpaj.mackenzie.br/wp-content/uploads/2019/05/Fides_v16_n1Revitaliza%C3%A7%C3%A3o-de-Igrejas-Uma-Reflex%C3%A3o-Teologicamente-Orientada.pdf). Acesso em 25 mai. 2019.

WALLACE, Anthony F. C. Revitalization Movements. **American Anthropologist**. V.58, n.2, p.264-281, Abril 1956, Disponível em: [anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1525/aa.1956.58.2.02a00040](http://anthrosource.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1525/aa.1956.58.2.02a00040). Acesso em 25 mai. 2019.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional